

А зводниW o zbornicy l A. zwobni

**Marcos Pontes
jamais esquecerá
a primeira vez
que viu a Terra:
“A imagem da
minhã mãe
dominou meus
pensamentos.”**





O melhor dia da minha vida

POR JOSIANE NOGUEIRA

O dia em que decolei para o espaço

MARCOS PONTES

No Cazaquistão, eram 8 horas da manhã de 30 de março de 2006. No Brasil, ainda eram 23h do dia 29. Esse foi o dia em que decolei para o espaço a bordo da Soyuz TMA-8.

Na tarde do dia anterior, depois de cinco meses de treinamento na Rússia, isolado da família, tive 30 minutos para conversar com minha mulher Fátima e meus filhos, Fábio e Ana Carolina, que tinham ido assistir ao lançamento. Uma lágrima escorreu no meu rosto quando os vi indo embora, ao pensar que aquele poderia ser nosso último encontro.

Depois do jantar, dormimos por três horas. Acordei com o médico me chamando para mais uma rodada de exames e uma reunião final com a tripulação, o russo Pavel Vinogradov e o americano Jeffrey Williams. Depois, eu, Pavel e Jeffrey completamos o processo de desinfecção e, a partir daquele momento, o

contato ficou restrito a poucas pessoas. Sensores foram instalados no nosso peito, vestimos os trajes Sokol e embarcamos no veículo que nos levaria até a torre de lançamento.

Durante o trajeto, pensei em muita coisa. Desde 1998, quando fui selecionado por concurso público pela Agência Espacial Brasileira para a função civil de astronauta. Lembrei dos sacrifícios da família; do meu primeiro emprego aos 14 anos como

foguete, uma regra de segurança para o caso de explosão.

Seguindo os procedimentos, testamos os sistemas. Pensei: *Faltam apenas três minutos para a decolagem.* O tempo não passava. De novo, me lembrei da família, dos amigos, de tudo o que enfrentei para que aquele momento acontecesse. O dragão balança; ouço ruídos nas suas entranhas. Começa a contagem regressiva. Passo a mão na bandeira brasileira pregada no braço

Senti como se ela estivesse ali, dizendo: ‘Sabia que você conseguiria.’”

aprendiz de eletricitista na Rede Ferroviária Federal, do meu sonho de voar. E de todos que olhavam para o garoto pobre, cheio de graxa do trabalho nas locomotivas, e diziam para desistir da ideia. Mas, finalmente, eu estava ali, embarcando para uma missão de dez dias na Estação Espacial Internacional, prestes a levar a bandeira do Brasil ao espaço pela primeira vez nas mãos de um brasileiro.

Eram quatro da manhã. Ainda estava escuro quando vi o foguete a distância. Um dragão rodeado de vapores, pesando 300 toneladas e com 49 metros de altura. Caminhamos para a plataforma 1 de lançamento, o mesmo lugar de onde saiu Yuri Gagarin, o primeiro homem a viajar ao espaço, em 1961.

O elevador subiu. Por fim, chegamos à cápsula da espaçonave. Quando me sentei, tive uma sensação indescritível: ali era o meu lugar. Todos que assistiam ao lançamento estavam a mais de cinco quilômetros do

do meu uniforme: *não estou indo para o espaço sozinho, todos os brasileiros estão comigo!* Sete... seis... cinco... Pavel, que estava no meio, segurou a minha mão e a do Jeffrey: “Vamos lá!”

Os motores foram acionados. Logo sentimos a aceleração. Depois de nove minutos, chegamos ao espaço. Estamos a 25 mil quilômetros por hora. Finalmente consigo olhar pela janela. A Terra é linda; luz, paz e silêncio. A imagem de minha mãe, “dona Zuleika”, domina meus pensamentos. Italiana, enérgica, olhos azuis como a Terra. Lembro de quando, ainda menino, chegava triste em casa depois de ouvir que “ser piloto é coisa para rico”. E ela dizia: “Você conseguirá ser o que quiser na vida, desde que estude, trabalhe, persista e faça mais do que esperam de você!”

Dona Zuleika morreu em 2002, mas, naquele momento, olhando para a Terra azul, senti como se ela estivesse ali, dizendo: “Sabia que você iria conseguir.”



Marcos Mariano ao lado da mulher, do filho e do advogado José Afonso Borges, após o julgamento no Recife, em 2005.

O dia em que saí da prisão

MARCOS MARIANO DA SILVA

O meu caso é considerado o maior erro da história da Justiça brasileira. Fui preso duas vezes, passei 19 anos na cadeia, fiquei cego dentro do presídio, perdi a minha vida, por um crime que não cometi.

A primeira vez foi em 1976. Fui confundido com um criminoso que tinha o mesmo nome que o meu e morava no mesmo lugar, na Cidade do Cabo (PE). Bastava que eles tivessem conferido o nome dos pais e teriam visto que era diferente, que eu não era o assassino. Eu dizia que era inocente, mas depois que você passa do portão do presídio não adianta jurar que é inocente porque ninguém mais acredita em você.

Depois de seis anos de prisão, apareceu o verdadeiro criminoso. Ele confessou em julgamento, diante do juiz, da família da vítima e da cidade inteira. Meus amigos choravam. O juiz então mandou me soltar, pediu desculpas em nome da lei e me instruiu a mover uma ação pública contra o Estado. Mas, na época, resolvi não mover ação nenhuma. Eu era novo ainda, tinha saúde, tinha minha família, minhas dez filhas. Resolvi recomeçar a vida.

Três anos depois, fui parado numa blitz, e, por causa da mesma confusão de nome, o policial achou que eu fosse um foragido e me prendeu. O juiz, sem verificar o meu caso, me mandou de novo para o presídio. Passei mais 13 anos lá. Nesse período, o outro Marcos Mariano também foi preso e acabou morrendo dentro da cadeia.

Um dia, decidiram fazer um mutirão no Tribunal para rever os processos. Era uma segunda-feira, 24 de agosto de 1998. Eu tinha acabado de

almoçar, estava deitado no beliche, quando o faxineiro chegou e disse que o advogado do presídio tinha mandado me chamar. Eu me levantei e fui até a sala dele, no setor penal. Quando cheguei, ele falou: “Marcos, o Tribunal de Justiça absolveu você por unanimidade. Mais uma vez ficou provada sua inocência. Você vai embora agora, imediatamente.”

Na hora, fiquei pasmo, sem ação. Achava inacreditável o que ouvia, já estava cego dos dois olhos e tuberculoso, imaginava que só ia sair de lá morto. Mas, finalmente, eles tinham visto que eu era um cidadão de bem. Fiquei numa felicidade enorme.

Como eu não tinha o novo endereço da minha mulher Lúcia, nem o telefone, tive de aguardar que ela viesse para a visita para poder ir embora. Fiquei mais três dias no presídio, mas não voltei para a cela, fiquei na sala do diretor. Quando ela chegou, me abraçou chorando. Eu chorei também.

O diretor do presídio mandou me levar para casa de carro. No caminho, passou muita coisa pela minha cabeça, mas eu estava livre, era o que importava. Tinha provado para todos que não era um criminoso.

Apesar de tudo, considero esses os dois dias mais felizes da minha vida. Ganhei uma indenização do Estado, mas ainda não me pagaram tudo, pois estão recorrendo e tentando diminuir o valor. Mesmo assim, minha vida mudou radicalmente. Hoje moro numa casa boa, com minha mulher e meu filho, Leonardo. Reencontrei minhas outras 10 filhas. Quando me perguntam

se perdoei o que fizeram comigo, digo que perdoei todos: juízes e policiais. Se Jesus que não tinha pecado foi crucificado e perdoou, tenho de perdoar.

O dia em que cantei com Roberto Carlos

LUIZA POSSI

Aprendi sobre o Roberto Carlos e a importância da Jovem Guarda na escola de teatro. E me apaixonei de cara pelo repertório e pela história dele. Eu tinha 17 anos.

Em 2003, fui assistir a um *show* dele num evento em que minha mãe, Zizi Possi, também cantou, no Auditório do Ibirapuera, em São Paulo. Eu me emocionei, ri e chorei, cantei, fiz de tudo. Fiquei bem perto do palco, na frente mesmo, mas assim que o espetáculo terminou fui embora porque estava sem voz e com febre.

Minutos depois minha mãe me liga, emocionada, dizendo que o Roberto perguntou por mim e por que eu não tinha ido ao camarim. Disse que adorava a profundidade dos meus olhos e a minha releitura de “Coração de Papel”! Quase tive um infarto ao saber das novidades, me punindo por não ter ido ao camarim.

O tempo passou e minha admiração por ele só aumentou. Até que, em 2009, recebi o convite para cantar com Roberto no Especial *Elas cantam*. Fiquei sabendo que foi ele quem escolheu as mulheres, cantoras de que gostava. Quase infartei pela segunda vez e gritei pela casa durante meia hora, até me convencer de que aquilo era real.



Luiza Possi tinha 17 anos quando se apaixonou pela história e pelas músicas de Roberto Carlos.

O grande dia chegou, 26 de maio de 2009, e trouxe à tona o desafio: cantar com minha mãe a música italiana “Canzone per te”, no Teatro Municipal de São Paulo, para o Rei, e depois cantar com ele “Como é grande o meu amor por você”.

O momento em que entrei no palco, logo depois da Hebe, sozinha e a capella, foi decisivo na minha vida. Não só na minha vida profissional, mas na

emocional, física e psicológica. Era um pequeno passo de enorme coragem que determinava a linha tênue entre ir ao encontro do meu desejo profundo ou me acovardar diante da imensidão do palco do Municipal.

Encontrar-me pela primeira vez com Roberto Carlos, generoso, carinhoso e gigante, foi a maior recompensa para qualquer dúvida que eu tivesse sobre a minha carreira, para

qualquer dia de tristeza. Valeu demais! Esse dia foi o mais precioso da minha vida... Até agora!

O dia em que voltei a trabalhar

LÍDIO TOLEDO A. FILHO

No dia 31 de dezembro de 2007, durante um assalto, fui alvejado por três tiros. Um na mandíbula, outro no antebraço esquerdo e o terceiro, no tórax, atravessou o pulmão, causou uma lesão no baço e atingiu minha coluna. Fiquei 50 dias no CTI, sendo 19 deles em coma induzido. Quando acordei, constatei que tinha ficado paraplégico.

Os meses que se seguiram foram de tratamento intenso. Minha mãe Eliete e meu irmão Luiz Fernando, que também é médico, abdicaram um ano de suas vidas para ficar comigo e passaram a me acompanhar o tempo todo, em tudo.

Eu tinha sido tão privado de tanta coisa, da minha vida como ela era, que sentia um vazio enorme. Era como se eu tivesse perdido minha identidade e passado a ser um estranho para mim mesmo. Só o que me fazia seguir em frente era acordar de manhã e ver minha mulher, Silene, ao meu lado.

Até que, sete meses depois do incidente, resolvi pedir “divórcio do teto”. Estava cansado de ficar em casa olhando para o alto. Decidi que não deixaria que aquela tragédia tirasse de mim, além de todo o restante, também a minha função profissional. Então marquei minha volta ao trabalho. Estava nervoso, não tinha certeza de que se-

ria capaz de atender meus pacientes da maneira adequada.

No dia 28 de agosto de 2008, fui recebido com festa por minha equipe no consultório. Não me considero uma pessoa fria, mas acho que, por ser médico e ter de lidar com tantos dramas, nunca fui de deixar transparecer minhas emoções. Mas, naquele dia, fiquei comovido.

Quando cheguei em casa depois do trabalho, voltei a me sentir eu mesmo. Pela primeira vez desde o acontecido, consegui esquecer a minha condição. Tinha passado algumas horas tão concentrado no trabalho que era como se eu estivesse num filme, e, neste filme, eu era exatamente como antes. Depois de tantos meses, voltei a me sentir feliz.

No dia 15 de novembro de 2008, dei mais um grande passo. Voltei a operar. O paciente tinha uma fratura no pé esquerdo. Chamei um cirurgião amigo para me acompanhar e assumir a cirurgia caso eu não tivesse condições de fazer. O nervosismo foi grande, mas a operação foi um sucesso e a sensação de realização maior ainda.

Faço terapia ocupacional e fisioterapia toda semana e já estou começando a recuperar o movimento das pernas. Voltei também a estudar e estou fazendo mestrado em Engenharia Biomédica. Hoje, sou o único ortopedista do mundo a operar em uma cadeira de rodas. Nem sei dizer qual dos dois dias – se o dia em que voltei ao trabalho ou o dia em que voltei a operar – foi o mais feliz da minha vida. O trabalho é tudo.

O dia em que cruzei o Atlântico

IZABEL PIMENTEL

Era uma tempestade atrás da outra e assim seguiam dias na luta para chegar aos Açores. O vento no rosto a maior parte do tempo deixava a viagem mais difícil. Após cada tempestade, porém, um arco-íris surgia. Nessa hora, eu ficava na proa do barco, como uma caranca, a observar o mar. E a viagem continuou assim durante 28 dias. Era eu, o mar e meu barco *Petit*.

No 29º dia, uma grande tempestade se formou e passei quatro dias sem poder sair da cabine. Eram ventos de mais de 100 km/h e muito frio. Mas eu tinha um objetivo: chegar ao Brasil, em mais uma travessia do Atlântico, par-

Todo o esforço foi recompensado quando, no dia 13 de setembro e sob fortes ventos, parti de La Rochelle, na França, rumo ao Brasil. Seria a minha quarta travessia do Atlântico, mas, dessa vez, não estava sozinha, pois mais de 80 barcos estavam na água comigo. Era só ligar o rádio que vozes de todos os lados se misturavam. Eu era só felicidade. A tempestade não assustava mais. E o enorme navio que passava tão perto era apenas mais uma embarcação. O que importava era que a distância entre meu barco e a linha de chegada ia, aos poucos, diminuindo.

Os fogos de artifício anunciaram a minha chegada a Salvador, às 22h10 do dia 28 de outubro de 2009. A música de Lenine, *Do it*, tocava ao fundo. Tomei banho de champanhe e fui recebi-



Eu me lembrei do dia em que, entre jubartes, em Abrolhos, eu sorri.”

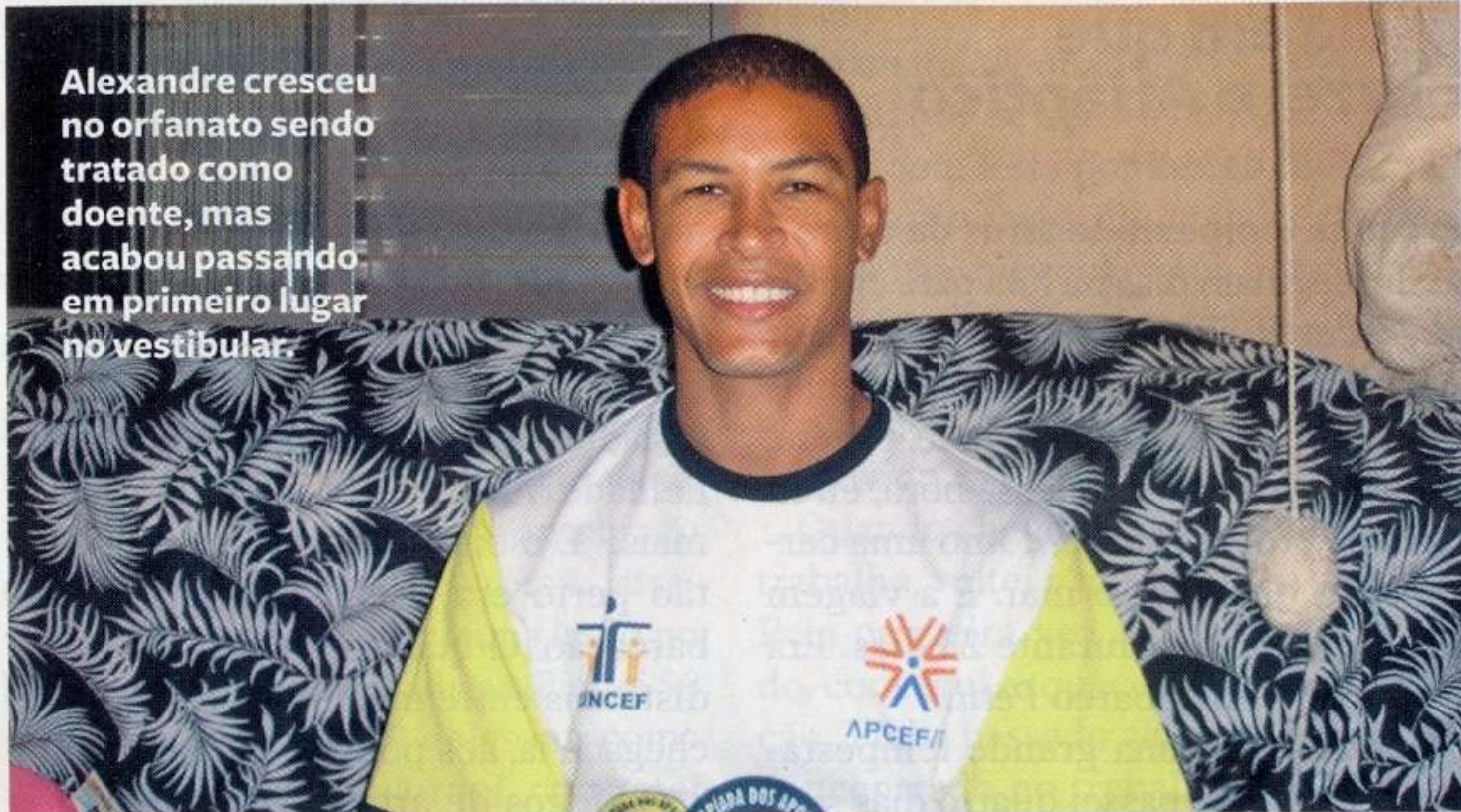
ticipando da regata da Transat 6.50, França-Brasil. Era uma regata solitária em veleiros de 6,50 metros.

Para participar, eu já tinha feito tantas coisas. Em 2006, me tornei a primeira brasileira a atravessar o Atlântico em solitário, uma viagem de 42 dias e 6 horas. Em 2007, cruzei novamente o Atlântico, partindo de Sète, na França. Mas não consegui participar da regata, pois o barco que construí no Brasil não foi aprovado. Em janeiro de 2009, parti de Paraty e fui para a França, realizando assim minha terceira travessia do Atlântico. E agora, naquele ano de 2009, estava de volta ao mesmo oceano.

da com flores. Quando olhei em volta, entre tantas pessoas eu me senti só. Tentei sorrir, pois aquele deveria ser o dia mais feliz da minha vida. O dia em que fui consagrada como a primeira brasileira a participar de uma regata internacional transatlântica e em solitário, que possui a qualificação mais difícil de se conseguir.

Mas as lágrimas correram e, sentada na beira do mar, me lembrei do dia em que, entre jubartes, em Abrolhos, sorri. Lembrei do sorriso do Alain, uma fera em manutenção de barcos e que foi meu anjo nos momentos mais difíceis, da força do brilho dos seus olhos. Lembrei do dia em que, em Pa-

Alexandre cresceu no orfanato sendo tratado como doente, mas acabou passando em primeiro lugar no vestibular.



raty, vi a lua surgir de um lado e o sol se pôr do outro, ambos iluminando um belo atobá que tranquilo me observava. Lembrei dos arco-íris, dos acenos de mão e das festas de cada chegada a um porto. Lembrei do abraço dos meus pais. Percebi que não era só aquele dia, foram muitos os dias mais felizes da minha vida. Então me levantei e fui comemorar a minha quarta travessia do Atlântico!

O dia em que provei que era capaz

ALEXANDRE B. DA SILVA

Quando tinha 4 meses de idade, fui levado por minha mãe para um orfanato. Ela havia brigado com meu pai e, sem contar a ninguém, decidiu não mais ficar comigo nem com minha irmã mais velha. Como minha mãe tinha problemas de saúde, acabou morrendo sem que ninguém na família soubesse onde

estávamos. O Juizado determinou que eu ficasse no orfanato Nosso Lar e minha irmã fosse para outro lugar, pois, na época, não faziam questão de que irmãos ficassem juntos.

Acho que, por ter sido abandonado, entrei numa espécie de reclusão, ficava no meu mundinho, isolado, não me relacionava com ninguém. Tinha o costume de bater as costas na parede e era também muito agressivo com as outras crianças. Talvez fosse para chamar a atenção. O fato é que, depois de alguns exames, recebi o diagnóstico de autista. Eu tinha 3 anos.

Cresci no orfanato sendo tratado como doente. Quando completei 8 anos, comecei a achar aquilo muito ruim. Por eu ter sérios problemas de aprendizado, todos diziam que eu não teria futuro, que não seria capaz nem de terminar o ensino fundamental. Passei a refletir sobre o que me diziam e prometi para mim mesmo que

iria provar para todos que eu era capaz e que teria um futuro, sim. E disse para minhas mães no Nosso Lar que um dia seria veterinário.

Comecei a estudar, fui para a escola e me esforcei para ter um comportamento normal. Consegui aprender a ler aos 12 anos e, recém-alfabetizado, participei de um concurso de redação na escola. Era sobre a natureza e os animais e chamou a atenção dos professores. Parecia uma redação de um garoto normal e não de um autista. Isso surpreendeu a todos.

A partir daí deslanchei. Em 1994, aos 16 anos, consegui meu primeiro emprego no zoológico de Brasília, como estagiário. Sempre tive interesse por animais. Eu me esforcei tanto que acabaram gostando de mim e fui contratado no fim daquele ano, como encarregado de visitas monitoradas e dos programas educativos.

Quando completamos 18 anos, somos obrigados a sair do orfanato. Consegui ficar mais um ano lá e, aos 19, ao sair do Nosso Lar, ainda estava na 8ª série. Ao contrário da maioria, decidi continuar na escola. Tinha fixado na mente o meu grande objetivo.

Quando terminei o ensino médio, tinha 21 anos. Conversei com minhas mães no orfanato e elas pagaram um cursinho pré-vestibular para mim.

Também me deixaram voltar a morar lá por um tempo, para poder estudar melhor. Fiz as provas.

Até que, em um dia de julho de 2001, recebi uma ligação no Nosso Lar. Era da faculdade União Pioneira de Integração Social (Upis) dizendo que eu tinha passado para Medicina Veterinária, em 1º lugar! Fiquei abobalhado, sem acreditar. Quando desliguei o telefone, me sentei no sofá, e contei para as minhas mães o resultado. Todo mundo pulou de alegria. Espalharam a notícia pela comunidade espírita, que mantinha o Nosso Lar. Foi uma festa.

Como eu não tinha condições de pagar a faculdade, o Nosso Lar batalhou comigo por uma bolsa. Consegui uma de 70% e o Nosso Lar me ajudou a pagar os outros 30%. Precisava conciliar a faculdade com o trabalho, e o curso acabou se estendendo mais – levei oito anos para me formar. Mas consegui!

Ainda continuo trabalhando no Zoológico de Brasília e, assim que conseguir o registro profissional, vou mudar de função e serei médico-veterinário de lá. Consegui reencontrar minha irmã e conheci minha família. Sou casado e tenho duas filhas lindas. Tudo o que consegui foi a educação que me proporcionou. Se você faz a sua parte e mostra que merece, as pessoas acabam ajudando. Sozinho ninguém consegue nada.

SERÁ POSSÍVEL?

Meu irmão era voluntário em uma igreja. Uma senhora pediu ajuda para subir os degraus, mas, quando entraram, suas pernas pareciam não aguentar mais. Meu irmão, apreensivo, perguntou se ela se sentia bem.

– Claro – respondeu ela. – Só quero me ajoelhar! *Bridget Rudd*, Reino Unido